

Anda minh' alma – sem amor – despida,
nua e disforme sem s'importar com nada
e por este mundo anda em vão, perdida,
sem ter amparo na fria madrugada.

A minh' alma nua aos poucos se revela,
bem solitária... só a pedir perdão
e por outra alma, sem saber que aquela
é a alma pura de toda inspiração.

Todas as almas que já inspiram tanto
– um novo verso para um terno canto –
que se apresentam num raro esplendor.

Nuas se lançam e para os sons das vidas,
iguais à minha qu'anda tão sofrida,
pelas tristezas d'um perdido amor.

Carlos Moreira da Silva, A alma nua por um pedido amor.

A Voz da Poesia, 1303 – Endereço para correspondência: Rua dos Bogaris 183, CEP 04047-020 – São Paulo/SP;
Reuniões litero-musicais, sábado sim, sábado não, em sua sede própria à Rua dos Bogaris 183, Bairro Mirandópolis.

Morrerá o palhaço um dia
e os anjos, em escarcéu,
dirão com muita alegria:
– Hoje tem circo no céu!

Antonio Joaquim Roque, 1303 A Voz
da Poesia: Rua dos Bogaris 183
04047-020 – São Paulo/SP

Governo do meu país,
olhe o povo do sertão,
não deixe a seca infeliz
amortalhar a Nação!

Alóisio Bezerra

Cheirosa qual um jasmim,
ela mal pisa no chão,
mas pisa ao passar pior mim,
com força, meu coração.

João Batista Serra, 1103 Trinos
do Pitiguari: R.Guanabara 542
59014-180 – Natal/RN

“Sou perigosa e impulsiva”
aviso, assim, o ladrão
que vive na expectativa
de roubar meu coração

Argemira F. Marcondes

Agir com honestidade,
sem pecha de hipocrisia,
é princípio, na verdade,
de muita sabedoria.

Joel Hirenaldo Barbieri, 1312
Trevo na Trova, UBT
Seção de Taubaté/SP

Olhai, racistas papalvos,
das mães o exemplo de amor:
seios negros, seios alvos,
dão leite da mesma cor...

Jacy Pacheco

Trevo na Trova, Nº 132, Ano XVIII, 1312: UBT – União Brasileira dos Trovadores, Seção de Taubaté, SP.

SELEÇÕES MENS AIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.03.14., enviar até 3 haicus de quigos: Acelga, Dia do Pescador, Macaxeira.

Até o dia 30.03.14., enviar até 3 haicus de quigos: Acelga, Dia do Pescador, Macaxeira.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br

QUIDAIAS (TEMAS) DE OUTONO

Gente acorrendo,
igreja ficou pequena.
Dia do Lava-pés.
Anita Thomaz Folmann

Bolotas douradas
no pé de laranja-lima;
dá água na boca!
Cecy Tupinambá Ulhóa

Fartura de figos
atrai madura em quintal
pássaros e amigos.
Fernando Soares

Na horta um gafanhoto
devorando um pé de couve.
Xô gafanhoto!...
Hélcio Durso

Lá vem o sereno
com frio junto à noite.
Melodia e festa.
Jorge Picanço Siqueira

Louva-a-deus revoa
sobre águas do rio azul.
Cigarra cantando...
Leonilda Hilgenberg Justus

Pleno mês de maio;
pescas alegres nos rios,
tempo de robalo.
Mª App. Picanço Goulart

HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Em volta da mesa,
crianças atentas olham
ovos de codorna. H
Alba Christina
Criançada alegre
fora da sala de aula
é Dia da Escola. L
Alba Christina
Estrela cadente
pelo céu azul profundo
recebe pedidos. L
Alba Christina
Amanhece nova
a plantação que dormiu
sentindo o sereno.
Alba Christina

De casquinha solta
um perfume se evola
nasce a tangerina.
Alba Christina
No Dia da Escola,
alegria, festa, cantoria,
tem mestre da viola. L
Alberto Siuffi
Ao entardecer,
num céu de um azul profundo,
surge a estrela Venus. A
Amália Marie Gerda
No Dia da Escola,
com alegria incontinida,
alunos festejam. C
Amália Marie Gerda

Ao amanhecer,
pios, num ninho de codorna,
festejam a vida. H
Amália Marie Gerda
Como limões grandes,
as cidras vergam os galhos
das copadas árvores.
Amália Marie Gerda
Pais e professores.
Crianças fazendo roda:
Dia da Escola. C
Djalda Winter Santos
Dia de verão,
não se vê nenhuma nuvem.
Céu azul profundo. C
Djalda Winter Santos

Chegando a empregada.
Codorna no galinheiro,
ovos recolhidos. L
Djalda Winter Santos
O menino olha
a cesta cheia de frutas
e prefere as uvas...
Djalda Winter Santos
Em ninho de capim seco
ovos marrons.
Nascem codornas. C
Iracema Gomes
No pátio
a criançada canta.
Dia da Escola. H
Iracema Gomes

Sol forte
sobre o azul
do céu profundo. L
Iracema Gomes
Dia todo
sem nebulosidades.
Céu azul profundo. H
Manoel F. Menendez
Aula
quase sem matéria.
Dia da Escola. L
Manoel F. Menendez
Ninho
com pequenos ovos.
Codorna. L
Manoel F. Menendez

Pessoas caminham
e se cruzam pela rua.
Ondas de neblina.
Manoel F. Menendez
Pinhas já rachando,
o pessoal vai colhendo.
Caixas enfolhadas.
Manoel F. Menendez
Madrugada clara
pétalas desabrochadas.
Gotas de sereno.
Manoel F. Menendez
Olhos levantados.
Esquadrilha da fumaça.
Céu azul profundo. A
Roberto Resende Vilela

Concerto ao ar livre.
Sociedade comemora
o Dia da Escola. C
Roberto Resende Vilela
Chão úmido e morno.
Caem as sementes na cova.
A codorna espreita. L
Roberto Resende Vilela
Bulício de pássaros
e zumbidos numa árvore –
peras sazoadas.
Roberto Resende Vilela
Aldeia deserta.
Rua de chão. Apagada.
Cão uiva ao luar.
Roberto Resende Vilela

H I S T Ó R I A P O R T O – A L E G R E N S E

Moacyr Scliar, O Moderno Conto Brasileiro, Antologia Escolar, organização de João Antônio, 4ª Edição, Civilização Brasileira – <http://www.estantevirtual.com.br>

Não pense que eu estou reclamando, não.
Estou só contando a verdade e contar a verdade
não pode fazer mal a ninguém. E a verdade é
que a porto-alegrense sou eu; o orgulhoso és tu,
mas a porto-alegrense sou eu. Eu já morava
nesta cidade quando tu aparecestes, o altivo filho
de um fazendeiro da fronteira. Faz tempo isto,
não é? Petrópolis nem existia, Três Figueiras era
mato. Os bondes eram poucos... Te lembras dos
bondes? Bem. Eu era a modesta caixeirinha de
um armário da Cidade Baixa. Tu, o garboso
estudante que varava as madrugadas No Café
Central ou no Alto da Bronze, declamando em

voz alta os teus poemas. Tu eras o rapaz rico
que vinha à loja onde eu trabalhava, trazendo
imensos buquês de rosas.

Foi um escândalo, te lembras? O que se
cochichava na Rua da Praia! É que desfilavas de
braços comigo, desde a Praça da Alfândega até
a Igreja da Conceição. Eu nem gostava desses
passeios, mas tu ias de cabeça alta, desafiador –
enquanto as senhoras e os cavalheiros nos
olhavam, escandalizados. Se escandalizavam?
Foste mais longe: alugaste para mim uma casa
no Menino Deus. E que casa! O antigo palacete
de um barão, situado no meio de um verdadeiro

Ontem – sozinhos – eu e tu sentados
nos contemplamos quando a noite veio
queixosa e mansa a viração dos prados
beijava o rosto e te afagava o seio,
que palpitava como ao longe o mar
e lá no céu esses rubis prateados
brilhavam menos que teu vivo olhar
com as mãos nas minhas no silêncio augusto.

Tu me falavas sem mentido susto
e nunca a virgem que a paixão revela
passou-me em sonhos tão formosa assim.

Vendo a noite tão pura e a ti tão bela
eu disse aos astros: daí o céu a ela
disse a teus olhos: daí amor pra mim.

Vicente da Costa Alves, Ontem...

Os teus pés sabem pisar:
pisam com tal perfeição,
que até pisando na gente
a gente pede perdão.

Lindouro Gomes, 1003 Trovia
alkalu77@gmail.com; visite:
www.falandodetrova.com.br

Natal... ternura... poesia...
vem o amor... e foge o mal...
– Quem dera que todo dia
fosse dia de Natal...

Luiz Otávio

Sendo simples... inocente,
a alma é um Sol fulgurante!
Mas, uma estrela cadente,
quando se mostra arrogante!

Roberto Resende Vilela, 0703 Trovaregre
Pça. Sen. José Bento 162, Ap 301
37550-000 – Pouso Alegre, MG

É do romance envolvente
entre a terra e o lavrador,
que a esperança da semente
se torna seara em flor.

Relva do Egipto R. Silveira

Cada um alegre vai
atrás da rica aventura
mais tarde tropeça e cai
no fundo da sepultura.

Zito Lobo, 1303, Binóculo
ivonildodias@secel.com.br
jbatista@unifor.br

O sofrer por uma ausência
vem comprovar, na verdade,
que nem sempre a independência
é o mesmo que liberdade!

Renata Paacola

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVIII, Nº 03 – 2014 MARÇO

Assinatura até 31.12.14: 09 selos postais de 1º Porte Nacional
Não comercial (R\$ 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haicu.sf.nom.br ☀

Si eu morrer
deixai o balcão aberto.
O menino chupa laranjas.
(Do meu balcão eu o vejo.)
O segador sega o trigo.
(Do meu balcão eu o sinto.)
Se eu morrer
Deixai o balcão aberto!

Federico García Lorca, Despedida (veja SF9704),
de: Canções. – Gentileza de Gérsom Levi Mendes.

finas. Teus parentes estavam furiosos; não te cumprimentavam. Se te encontravam na rua, vivavam a cara.

Menos a tua prima, a Rosa Maria. Ela te olhava de esguelha, piscava o olho, travessa que era... Tu sorrias. Você se trocavam bilhetinhos. Pensas que eu não sabia? Eu sabia. Mas gostava de ti, esta é que era a verdade. E gostava da casa nos Moinhos de Vento. Um paraíso.

Um paraíso que durou pouco... Decidiste que eu deveria me mudar. Gostavas da casa, e a querias para ti, de modo que tive de sair. Fui para uma casa em Petrópolis. Comigo foram a empregada e o motorista que era também uma espécie de guarda. O jardineiro foi dispensado, porque a casa não tinha jardim; era uma casa relativamente modesta; e depois, para que jardim, era o que perguntavas, e ponderavas: jardim só dá trabalho. Eu gostava de jardim, mas não te respondi nada. Porque gostava de ti.

Casaste com a tua prima Rosa Maria e assumiste um cargo na direção da firma do pai dela. E aí começaste a aparecer cada vez menos; a vida de um homem de negócios é muito atarefada, dizias. Eu concordava, me lembrando da loja de armarinhos.

A cidade progredia e a esta altura eu já não tinha mais motorista, porque Petrópolis contava – me disseste entusiasmado – com transporte abundante, digno de uma cidade moderna: bondes, ônibus.

Petrópolis era realmente um bairro bom, mas com o passar dos anos começou a apresentar inconvenientes. Muitos de teus amigos – médicos, advogados, homens de negócio – moravam ali, além disto, a escola de balé que tuas filhas – duas garotinhas encantadoras – frequentavam, também era em Petrópolis.. Decidiste que eu deveria me mudar.

Me mandaste para Três Figueiras, um lugar que já não era mato, mas que ainda estava pouco povoado. Me instalaste numa casinha simpática. De madeira, mas muito simpática. Chovia dentro, mas eu não te incomodaria me queixando destes pequenos problemas. Vinhas me ver tão pouco que não era justo. Realmente não era justo. E a casa não era feia. Eu me distraía com as lides domésticas – a esta altura já não tinha mais empregada. (Para que empregada, numa casa pequena? – perguntaste, e estavam com a razão. Realmente, estavam com a razão.)

Uns anos depois – me lembro muito bem, porque já estava costurando para fora – começa-

ram a aparecer as primeiras casas elegantes nas Três Figueiras. Casas bonitas, as fachadas com pedra decorativa... Achaste que eu deveria me mudar para a Vila Jardim. Um pouco mais afastado, disseste, e tinhas razão; um verdadeiro jardim, disseste, o jardim que te faltava. É verdade que a casa não tinha água nem luz; mas eu não queria te incomodar. Passavas por uma fase de profunda depressão, de angústia existencial. Que é o dinheiro? – me perguntavas. Estávamos os dois com sessenta anos. Qual o sentido da vida? – teus olhos cheios de lágrimas. Eu, quase sem dentes, pensava numa dentadura nova – mas não ousava te pedir nada.

Me disseste para sair da Vila Jardim. O bairro estava ficando muito conhecido, poderiam te ver por lá. Me mandaste morar numa espécie de casa-barco que estava atracada no Guaíba, num lugar deserto, perto do Porto das Pombas. Interessante a casa-barco. Mais barco do que casa; esta, na verdade, era uma simples cabina de madeira coberta com uma lona.

Scudida pelos temporais de inverno eu te esperava. Em um ano viesse só uma vez, no dia do teu aniversário. Estavas muito deprimido: Rosa Maria tinha morrido, tuas filhas não que-

riam saber mais de ti, só pensavam em viagens para a Europa. Procuravas as respostas para as grandes questões da vida no zen-budismo. Dizias que deveríamos mergulhar no nada. Eu olhava para a água que entrava no barco e concordava.

Um dia recebi um bilhete teu – trouxe-o o teu motorista, aliás o nosso antigo motorista... Dizias, numa letra muito trêmula, que a vida não tinha mais sentido para ti; que eu deveria soltar as amarras do barco e deixar que as correntes do Guaíba me levassem ao sabor do destino.

Pela primeira vez pensei em não te obedecer. É que eu gosto demais desta cidade, desta Porto Alegre que só avisto de longe e que mal reconheço. Me lembro que gritei, não! não vou abandonar a minha cidade! E aí resolvi te escrever, lembrando toda a nossa história e te pedindo para voltares atrás em tua ordem.

Espero que recebas esta carta. É que estou escrevendo já do meio do rio – e é a primeira vez que mando uma carta numa garrafa jogada às águas. Mas espero que a recebas e que ela te encontre gozando saúde junto aos teus, nessa linda cidade de Porto Alegre.

U M A S I N G U L A R H I S T Ó R I A D E A M O R

Gilson Rangel Rolim, Puxando Conversa, 2011 – Os noivos, Aglaia e Fred, acabam de deixar a igreja sob uma chuva de grãos de arroz, parecendo realmente felizes. Entram no carro que os espera e partem. Na memória de ambos a lembrança de como tudo começou dez anos atrás. Um romance interrompido que ficou longo tempo como brasa dormida e que reacendeu três meses antes do casamento. Vejamos como tudo aconteceu.

Cada um com sua mania. A de Fred era fazer cadastro de todas as suas namoradas, a princípio em fichas manuscritas, com todos os dados possíveis, sendo indispensáveis as datas de início e fim do namoro. Para sofisticar, colocava em cada uma a foto respectiva. Com a chegada dos microcomputadores, Fred passou todas as fichas para o novo arquivo e prosseguiu cadastrando as novas namoradas. Com exceção da condição social de cada uma, tudo o mais foi para o arquivo.

Com três namoradas por ano, em média, Fred acumulou em seu arquivo quase trinta fichas ao longo de dez anos adotando essa prática. Volubilidade era com ele! Nenhuma delas, pode-se observar, levou-o a decidir-se pelo casamento. Em cada uma encontrava um ponto que o fazia afastar-se dessa decisão. Era curioso vê-lo revisando as fichas na tela do computador tentando, de alguma forma, fazer a escolha. Às vezes colocava lado a lado as fotos das pequenas. Admirava o olhar penetrante de Cristina, os cabelos naturalmente ondulados de Cíntia, o corpo esbelto e escultural de Celina. Usando os recursos do computador, fazia simulações sobre como estariam essas namoradas alguns anos depois. Foi daí que surgiu a ideia de atualizar o cadastro; para isso seria necessário comunicar-se com as ex-namoradas.

Aída foi a primeira para quem ligou. Fazia cinco anos que haviam rompido. O telefone já passara para outro assinante. Procurou uma colega dela e obteve a informação: Aída se casara e fora morar em Curitiba. Como consequência da descoberta deu baixa no arquivo. Lembrou-se, então, de Celeste, caso encerrado havia menos de dois anos. Surpresa com a ligação, ela quis saber o porquê da iniciativa dele e recebeu como resposta a explicação de que estava atualizando seu cadastro de ex-namoradas.. Irritada

Gilson Rangel Rolim, Av. Roberto Silveira 408/501ª, Icaraíá; 24230-162 – Niterói/RJ; www.nitcult.com.br/gilsonzero.htm com o cinismo de Fred, Celeste cortou a conversa batendo o telefone. Sentiu-se ofendida, com razão: imaginara, a princípio, que Fred insinuava um reatamento

Um detalhe significativo nesses relacionamentos de Fred é que sempre foi dele a iniciativa do rompimento e, de alguma forma, todas a ele se afeioaram; em alguns casos, beirava a paixão. Não é que Fred fosse um Apolo, embora tivesse boa figura. O que o levava a essa condição de conquistador era, na verdade, sua conversa. Fugindo ao trivial, encantava as namoradas com um papo interessante, variado, sempre acompanhado de um bom humor que culminava com a conquista.

Após frustradas as duas tentativas iniciais, Fred foi procurar Lúcia, que não era das primeiras nem das últimas; pelas contas dele, ela estaria aí pelos vinte e cinco. Procurou-a primeiro na empresa aérea internacional onde ela era comissária de bordo; soube que fizera um voo para Paris e só retornaria na tarde do dia seguinte. Disposto como estava, esperou pacientemente que transcorressem as vinte e quatro horas que antecederiam o retorno dela. Na tarde seguinte, lá estava Fred ansioso, no local de saída da tripulação. Logo que vê Lúcia, ele se decepciona. Muito elegante, lá vinha ela de braços com outro membro da tripulação. Pelo jeito não era simples coleguismo. Ao vê-lo, Lúcia não foge ao encontro. Muito efusiva, dirige-se a Fred de forma amistosa e apresenta Sérgio, seu marido. Desapontado, nosso herói sequer diz o porquê de sua presença ali. Disfarça e simula ter havido um engano, viera à procura de um amigo mas o voo era outro. Mais uma atualização do cadastro a confirmar que ele fora mesmo esquecido.

A esta altura, Fred começava a desconfiar que seu projeto fracassara. No início ele pensava que a atualização do arquivo se limitaria a algumas alterações decorrentes do tempo: no íntimo, imaginava-se ainda esperado por todas elas. Ainda assim parte para mais uma rodada de buscas no arquivo. Colocadas todas as fotos na tela, ele clicou aleatoriamente nas de Aglaia, Tisuka, Alice e Vilma. Curiosamente, por acaso, os nomes eram das

primeiras namoradas de sua coleção. Decidiu procurá-las na ordem inversa em que as fotos foram selecionadas. Dessa forma, Vilma foi a primeira a ser procurada. Em sua casa, a mãe dela atendeu e reconheceu a voz de Fred. Um tanto a contragosto, disse-lhe onde poderia encontrar a filha. De antemão, entretanto, falou-lhe que não seria conveniente procurá-la agora e pediu que evitasse constrangê-la. Apesar do apelo, Fred foi procurar Vilma em seu local de trabalho, uma loja de informática da qual ela era gerente. Não sem certo abalo, Vilma – um tanto gordinha –, o recebeu aparentando frieza. Disse-lhe que lamentava o que acontecera entre eles. Não cogitava retornar ao relacionamento de antes; até porque já decidira viver com Carlos Alberto, um namorado recente em vias de divorciar-se. “Portanto, me esqueça, Fred” – falou, encerrando o papo. Mais uma atualização no cadastro com sabor de abandono.

Depois foi procurar Alice e Tisuka, a japonesinha. Em ambos os casos, tomou conhecimento de que as duas já haviam decidido suas vidas amorosas. A primeira casou-se com um inglês e foi morar em Liverpool. A segunda assumiu a condição de dona de casa e já havia produzido dois filhos; agora vive num sítio na serra fluminense, onde o marido tem uma plantação de tomates.

Antes de ir à procura de Aglaia, a primeira ficha do arquivo e também a primeira da seleção aleatória que fizera, Fred ainda deu mais uma busca e tomou a decisão de ir mesmo procurar Aglaia. Pressentiu que alguma coisa diferente iria acontecer. Apesar do tempo decorrido, dez anos, o telefone dela e o endereço ainda eram os mesmos, uma casa confortável numa rua tranquila de um subúrbio. Ali, após um rápido telefonema, Fred foi encontrá-la. De férias em seu trabalho na Universidade, recebeu-o, a princípio, receosa. Fred, ao vê-la bonita como aos dezoito anos, ficou balançado. Durante a conversa ela lhe revelou não ter tido qualquer namoro firme desde que romperam; admitiu que, no íntimo, imaginava que um dia ele voltasse a procurá-la.

E ele voltou, desta vez para decidir-se. Não demorou e marcaram o casamento, convencidos de que tinham nascido um para o outro.

A lua veio à frágua com sua anquinha de nardos. O menino a olha olha. O menino a está olhando. No ar comovido move a lua seus braços e exibe, líubrica e pura, seus seios de duro estanho. Foge, lua, lua, lua. Se viessem os ciganos, fariam com teu coração colares e anéis brancos. Menino, deixa que eu dance. Quando vierem os ciganos, te encontrarão sobre a bigorna com os olhinhos fechados. Foge, lua, lua, lua, que já ouço seus cavalos. Menino, deixa-me, não pises minha brancura engomada. O ginetete se acercava tocando o tambor da planície.

Dentro da frágua o menino está com os olhos fechados. Pelo oliveiral vinham, bronze e sonho, os ciganos. As cabeças levantadas e os olhos semicerrados. Como canta o bufo, aí, como canta na árvore! Pelo céu vai a lua com um menino na mão. Dentro da frágua choram, dando gritos, os ciganos. O ar vela-a, vela. O ar a está velando. I Romance da lua, lua Sua lua de pergaminho Preciosa tocando vem por uma anfibia vereda de cristais e loureiros. O silêncio sem estrelas, fugindo da música,

cai onde o mar bate e canta sua noite cheia de peixes. Nos picos da serra os carabineiros dormem guardando as brancas torres onde vivem o ingleses. E os gitanos da água levantam para distrair-se, praças de caracóis e ramos de pinho verde. * Sua lua de pergaminho Preciosa tocando vem. Ao vê-la, levantou-se o vento que nunca dorme. São Cristóvão desnudo, cheio de línguas celestes, olha a menina tocando uma doce gaita ausente. Menina, deixa que levante teu vestido para ver-te. Abre em meus dedos antigos

a rosa azul do teu ventre. Preciosa atira o pandeiro e corre sem se deter. O vento-homenzarrão a persegue com uma espada quente. Franze sem rumor o mar. As oliveiras empalidecem. Cantam as plantas de umbria e o liso gongo da neve. Preciosa, corre, Preciosa, que te pega o vento verde! Preciosa, corre, Preciosa! Olha por onde ele vem! Sátiro de estrelas baixas com suas línguas reluzentes * Preciosa, cheia de medo, entra na casa que tem, mais cima dos pinheiros, o ânulo dos ingleses.

Assustados pelos gritos três carabineiros vêm, suas negras capas cingidas e os gorros nas fontes. O inglês dá à gitana um copo de leite morno, e um copo de genebra que Preciosa não bebe. E enquanto conta, chorando, sua aventura àquela gente, nas telhas de piçarra o vento, furioso, morde. 2 Preciosa e o ar Na metade do barranco as navalhas de Albacete, belas de sangue contrário, reluzem como os peixes. Uma dura luz de naxe recorta no agro verde cavalos enfurecidos e perfis de ginetes.

Na copa de uma oliveira choram duas velhas mulheres. O touro da rixa sobe pelas paredes. Anjos negros traziam lenços e água de neve. Anjos com grandes asas de navalhas de Albacete. João Antônio, o de Montilha rola morto a encosta, seu corpo cheio de lírios e uma romã nas fontes. Agora monta cruz de fogo, estrada da morte. * O juiz, com guarda civil, pelos olivados vem. Sangue resvalado geme muda canção de serpente. Senhores guardas-civis: aqui passou-se o de sempre. Morreram quatro romanos e cinco cartagineses.

A tarde louca de figueiras e de rumores quentes cai desmaiada nas coxas feridas dos ginetes. E anjos negros voavam pelos ares do poente. Anjos de compridas tranças e corações de azeite. 3 Rixa O boi fecha seus olhos lentamente... Calor de estábulo. Este é o prelúdio da noite. Prelúdio SF9806 Há um luzeiro quieto, um luzeiro sem palmeiras. – Onde? Um luzeiro... Na água adormecida do tanque. Um luzeiro SF 9806